

Resenhas

A contrapelo da ordem unida

Rauer Ribeiro Rodrigues *



MIGUEL SANCHES NETO
A Segunda Pátria
Ed. Intrínseca
320 p.

Cultor de diversos gêneros literários (romances, contos, poesia, crônicas, ensaios, infanto-juvenis, aforismas, cartas e diários), Miguel Sanches Neto alcança, aos cinquenta anos, 35 livros publicados. Em 2002, entre 1.444 inscritos, venceu o Prêmio Cruz e Souza com o livro de contos *Hóspede Secreto*. Em 2015, lançou seu sexto romance, *A Segunda Pátria*. Seus romances mostram variada gama de interesses, força de linguagem e inspirado talento narrativo.

* Ficcionista; Professor de literatura na UFMS, no Câmpus de Corumbá, atua no PPG-Letras Mestrado e Doutorado da UFMS, Câmpus de Três Lagoas; é Líder do GPLV - Grupo de Pesquisa Luiz Vilela.

Já o primeiro deles, *Chove Sobre Minha Infância* (2000), mereceu de Wilson Martins comentário consagrador: "Um dos grandes escritores brasileiros de nosso tempo num dos grandes momentos de nossa literatura". Em *Chove Sobre Minha Infância*, Miguel Sanches Neto faz o mais radical experimento da literatura brasileira no contexto das escritas de si, com uma narrativa arrebatadora.

Na sequência, o escritor paranaense publicou os seguintes romances: *Um Amor Anarquista* (2005), *A Primeira Mulher* (2008), *Chá das Cinco com o Vampiro* (2010) e *A Máquina de Escrever* (2012). Catalogá-los pela primeira aparência indica um romance histórico, um romance policial, um *roman-à-clef* e uma metaficção historiográfica. Já em *A Segunda Pátria*, temos "um romance de história alternativa, uma espécie de ficção científica histórica", na definição do próprio autor. Verificamos, pois, que a inquietação criadora de Miguel Sanches Neto procura novos desafios a cada obra, e a cada obra, podemos acrescentar, alcança novo patamar como o mais destacado ficcionista brasileiro de sua geração.

O livro agora lançado ratifica tal juízo.

Em *A Segunda Pátria*, o entrelaçar de temas candentes, atuais e atávicos da cultura brasileira (autoritarismo, opressão, repressão, racismo, identidade cambiante, miséria, etc.), mesclados aos grandes e perenes temas universais do amor, da loucura e da morte, traçam uma parábola crítica do Brasil dos últimos tempos, substrato do romance, na simplória dualidade ideológica que o permeia e infelicita. O romance se alicerça de tal modo no chão de nossos dias ao representar ficcionalmente um Brasil submerso, que é de temer que as patrulhas políticas o relembram à categoria das grandes obras da ficção brasileira lidas por poucos.

A recepção ao livro, no entanto, e felizmente, parece augurar trajetória de reconhecimento. O historiador Denisson de Oliveira, em artigo em *O Estado de S. Paulo*, afirma que o romance apresenta "trama maravilhosa, fascinante e assustadora, excepcionalmente bem construída e instigante". Por seu lado, Rodrigo Casarin, em blog do UOL, constata que, em *A Segunda Pátria*, "um Brasil com inevitáveis e profundas rupturas sociais é arquitetado". (Para não nos alongarmos nas citações, listamos, ao final da resenha, diversos sites que tratam da obra, assim como um bloco com declarações de Miguel Sanches Neto sobre a feitura o romance).

Na divulgação da obra e na primeira leva da recepção registrada nos jornais e blogs, parece prevalecer a ênfase no pacto ficcional que registra o Brasil, na segunda grande guerra, aderindo ao Nazismo e às práticas nazistas. Tal ênfase está nas muitas entrevistas concedidas

por Miguel Sanches Neto a propósito do livro, respondendo ao que lhe foi perguntado. No entanto, repontam — ao longo das respostas — outros temas. Ei um exemplo: "o meu é um livro de literatura, uma história de amor inter-racial em um tempo de crença na eugenia". Eis outro:

Toda ficção se faz deformante, problematizando a verdade para não reduzi-la a um bloco monolítico. Este Brasil nazi que aparece em *A Segunda Pátria* não existiu tal e qual, mas em algum momento esteve por existir. Suas motivações raciais continuam a latejar, sob disfarce, em muitas concepções de nação defendidas ainda hoje.

É sempre o tempo presente o que é discutido ficcionalmente em romances históricos ou de ficção científica. Ao desviar a fidelidade factual histórica para uma possibilidade não concretizada, o ficcionista perfaz, nas palavras de Sanches Neto, "um pequeno delírio, um pesadelo que amplifica percepções do real", pois "em um bom romance tudo tem caráter simbólico, colocando-se fora do meramente verificável", de tal modo que "esta natureza simbólica nasce de um deslocamento do teor factual para o teor de verdade — a verdade como um além dos fatos".

No romance, à p. 237, a personagem Hertha, que passara uma noite com o Führer, é perseguida e presa pelos nazistas: "Não sabia por que não a torturavam [...]. Talvez tivessem recebido ordens para cuidar bem da puta brasileira de Hitler". Ela percebe, entretanto, que outros presos são surrados e torturados: "usavam o lugar para prender outros inimigos. Ela entrara nessa categoria. Fora bem tratada e agora representava uma ameaça, mínima, era verdade, mas para os fanáticos todo perigo é imenso". O delírio nazista é o fanatismo político colocado em marcha. Eis uma verdade além do enredo, mas que decorre da narrativa. A insensatez do nazi-facismo que brota das páginas do romance tem a mesma matriz dos muitos fundamentalismos políticos deste nosso século XXI. Alguns, hoje, têm origem religiosa, outros — talvez a maioria — como que fundam uma religião laica a partir da idolatria de líderes populistas carismáticos.

Se há um novo Miguel Sanches Neto a cada novo romance, há sempre, no entanto, constantes ficcionais e narrativas. O retorno à origem é uma constante do escritor. Além de presente em diversos contos, está em *Um Amor Anarquista*, em *A Primeira Mulher*, em *Chá das Cinco com o Vampiro* e em *A Máquina de Madeira*. Está também em *A Segunda Pátria*. As personagens principais, Adolpho e Hertha, buscam sempre suas origens. No início da narrativa, Adolpho faz "uma triste viagem de retorno", pois, "embora já estivesse de volta havia

bastante tempo, ainda não regressara de fato" (p. 36). O narrador registra que Adolpho "[e]stava sendo devolvido ao ponto de partida", busca que a personagem também empreenderá após ser presa e levada para longe, o que apresenta paralelo com o percurso de Hertha, que, ao final do romance, com a vitória dos opositores ao nazismo, é presa — trágica ironia — como nazista, o que não era; então, "trancada naquilo que até dias antes era uma sala de aula", pensa, "enquanto a porta se fechava": "Nunca consegui sair desta escola" (p. 311).

Em romances anteriores, o retorno era quase sempre de epifania, agora o que se tem é terra devastada. Diz Sanches Neto: "um dos protagonistas do romance [é] um negro que teve acesso ao estudo, mas que perdeu o contato com os seus; esta duplicidade de identidade vai ser resolvida de forma trágica". O trágico se instaura a partir do racismo, do clima de terror das perseguições, do alijamento social por diferença de opinião política, pelo patrulhamento da vida familiar e mesmo da intimidade recôndita. Hertha despista perseguidores, "homens invisíveis que conseguiam esconder seus corpos, não revelar suas faces, embora ela sentisse a presença deles até dormindo. Em algum lugar próximo eles velavam seu sono" (p. 229). Nem os sonhos estão livres do assédio, da perseguição social (in)visível, e o pesadelo se imiscui ao cotidiano. Se Hertha enlouquece é porque sua personagem se erige como símbolo da liberdade, como espírito de compaixão, como busca da felicidade.

O filho de Hertha e Adolpho é gerado em cena de amor que tem por cenário um cemitério, de modo que é fertilizado pelos ancestrais ali enterrados. Essa busca ao edênico primevo, tendo a terra dos antepassados como um útero do futuro, faz dos cemitérios espaço "povoado por casais em busca de raízes, abrindo o seu corpo para o que vinha de outras eras, recusando-se a morrer" (p. 173). A reflexão sobre o desejo da ancestralidade na geração dos descendentes é paralela àquela outra, da busca das origens, do retorno ao ponto de partida: "Todos os caminhos nos devolvem ao início" (p. 260), pensa Trajano (o nome de Adolpho, preso).

No seu modo de ver e de entender a literatura, Miguel Sanches Neto é também um visitador do passado, da tradição e do cânone. Eis como, em recente entrevista, ele responde a certa questão sempre feita e refeita aos escritores:

Que escritores influenciam sua obra com mais clareza? O que você carrega de cada um deles? Quando você lê bastante literatura e também escreve — infelizmente há escritores que apenas escrevem sem ler nada —, você se torna uma espécie de herdeiro de todo o amplo passado literário. Mesmo não tendo lido centenas de autores, outros que li os leram, então eles estão presentes em minha

escrita. Nesse sentido, toda a literatura universal me influenciou. (Em: <http://www.gazetadopovo.com.br/blogs/rodape/hitler-tem-apoio-de-vargas-em-novo-romance-de-miguel-sanches-neto/>).

No amplo âmbito dos estudos literários, a retomada da tradição, o início se refazendo em moto perpétuo no presente, é um dos modos de configurarmos um período de alexandrinismo. O modo de fazer, retomando as lições narrativas e poéticas predecessoras, e o modo de pensar, imerso na cultura que, em seu ápice, prenhe de contradições, começa a se esgarçar, não respondendo mais aos desafios que a si mesma se colocou, é condição *sine qua non* do alexandrinismo. Uma das manifestações do processo são as citações, as menções, as paródias, os pastiches.

Muitos são os autores mencionados ao longo das páginas de *A Segunda Pátria*, e muitos são aqueles que ali comparecem nos interstícios, sem serem explicitados. À p. 189, está: "Hitler tinha criado a crença no uniforme. Era a pele social" — isso é "O espelho", de Machado de Assis, em admirável síntese, a menção à origem sendo desnecessária, no romance. Mas as menções nomeadas são muitas: Rilke, Dante, Meister (tornado sobrenome de uma personagem), Heródoto e Jack London, para registrarmos algumas.

Uma personagem secundária, Onkel Karl, tio de Hertha, construída com a mesma complexidade das personagens centrais, imerso nos sofrimentos da sobrinha e na angústia das perseguições que sofria por não ser adepto das práticas discricionárias nazistas, "se dedicava ao silêncio": "Gostava de ficar ouvindo o nada, encOntrando notas dissonantes" (p. 228). É assim o romance de Miguel Sanches Neto: impõe-se pelo que fala, mas muito mais pelo que silencia, pelo que desvela de "notas dissonantes" com a nadificação do ser humano de nossos dias, com a nulificação do debate público no Brasil de nossos dias, com a denúncia a contrapelo da ordem unida fascista do nazismo brasileiro do século 20 forjada ficcionalmente, simulacro narrativo da ordem unida autoritária que se pretende impor ao país a partir de disputas eleitorais desprovidas de ideias e propostas factíveis. A mentira que ergueu o nazi-fascismo é a mentira que agora forja vitórias que se pretendem democráticas. A negação do outro pela mentira como ação política é o antepasto do autoritarismo (Hitler mente bem, nos informa o romance, e, por nele acreditarem, todos seguem, unidos, em marcha batida para o suicídio coletivo).

"É isso a literatura, o ato extremo de se colocar no lugar do outro, único antídoto para os preconceitos", nos diz Miguel Sanches Neto, completando:

O ficcionista convida o leitor a viver, no plano da imaginação, desdobramentos um tanto absurdos de pequenos preconceitos que circulam em nossa sociedade. Diante desta “parábola” do nazismo que é *A Segunda Pátria*, espero que o leitor construa não um ódio étnico, mas uma maior tolerância com o outro.

Para realizar sua proposta narrativa (reproduzimos abaixo — já o informamos — declarações de Miguel Sanches Neto sobre a feitura do romance) e encadear sua cosmovisão autoral, o romance foi dividido em quatro partes: *Neger* (Negro), *Wolfsschlucht* (Garganta do lobo), A teoria do lobo, *Kanibalen* (Canibal) — o título da última parte sendo irônico, pois o canibalismo real é o realizado pela Civilização, denunciada em sua violência irracional e em sua brutal incompreensão da realidade, além de ser explicitada a maneira pela qual manipula os fatos, ao transformar fugitivos vestidos com uniformes tomados aos opressores em grupo de negros apoiadores do nazismo.

Seja como romance histórico, seja como romance de ficção científica, seja como romance de metaficção historiográfica, seja como uma história de amor, seja como denúncia das mazelas político-sociais de nossos dias, seja como caldeamento alexandrinista da literatura de uma civilização decadente, *A Segunda Pátria* é uma obra-prima e Miguel Sanches Neto definitivamente integra o rol dos grandes ficcionistas da literatura brasileira em todos os tempos.

Miguel Sanches Neto e *A Segunda Pátria*:

- Ou escrevemos mesmo quando o temporal destrói nossa casa ou não somos de fato escritores.
- Um romance é sempre uma afronta ao mundo tributável. Impõe-se contra as obrigações.
- O maior risco de insucesso de um romance é o desejo de ser estritamente fiel a fatos.
- Todo grande livro de ficção nasce de desvios do mundo factual, ao ponto, muitas vezes, de negá-lo completamente.
- O romancista tem como função primordial “desrespeitar” a história, povoando nosso imaginário com aquilo que era impensável, embora estivesse em semente nos momentos cruciais de uma região, de um país ou do mundo.
- Este é um papel importante da ficção histórica, o de entender ficcionalmente o passado a partir do que ficou na sombra. No fundo, estas narrativas nascem de um posicionamento do presente que faz uma leitura a contrapelo de um período.
- Vamos ver para onde os meus nazistas me levam. Não se pode ter medo de um assunto nem podar as ramificações espontâneas de uma história.
- Tenho a cena inicial resolvida na cabeça e começo a tomar algumas notas. O primeiro capítulo deve criar no leitor um interesse imorredouro pela história.
- 6 de junho de 2012 – quarta-feira / Dedico-me à leitura do material sobre os nazistas. Estes episódios reais conduzirão minha imaginação à história que quer ser escrita. Acredito que tudo que escrevemos já exista no campo das virtualidades. Desejo chegar logo a este romance que me espera. Tomo nota, listo cenas, imagino enredos. / Ler livros sobre um período é uma forma de se fazer pertencer a ele.
- Os dois personagens principais, Adolpho e Hertha, são totalmente imaginários, criados a partir da condensação de características longamente elaboradas em nossa história. Funcionam, portanto, como

arquétipos. Eu os inventei a partir da observação de muitos outros seres, reais e ficcionais, para que fossem abrangentes.

- Ela usa o corpo para acolher aquele que representa o mal para os demais nazistas. Até ao ponto de viver apenas para o amado, perdendo o seu lugar naquela sociedade e se tornando uma encarnação da louca. No final, quando são os seus que sofrem com uma repressão ao nazismo, ela se condói por eles também. É uma espécie de personagem catalisadora de todos os fatos.
- Descubro outras conexões simbólicas. É assim que se amarra uma estrutura narrativa, fortalecendo esses nós semânticos.
- O romance vai absorvendo tudo que tem algum impacto sobre minha sensibilidade, e cresce no passado (período da Segunda Guerra) e no presente, incorporando percepções. É um ser que se desdobra em duas temporalidades. Não luto contra esta tendência.
- Acho que este é meu livro mais universal, tematicamente falando, aquele que pode interessar a um público mais amplo.
- A linguagem perfeita é como um assoalho firme, sólido, pelo qual o leitor passa sem nem percebê-lo.
- Escrever é restringir. Criar fronteiras. Cercar a história.
- Só somos verdadeiramente influenciados por nós mesmos.
- A mudança de uma palavra representa muito para o escritor. É como se ele reescrevesse o livro inteiro.

Referências ao romance *A Segunda Pátria*:

<http://alias.estadao.com.br/noticias/geral,nossos-nazis,1663501>
<http://paginacinco.blogosfera.uol.com.br/2015/04/27/e-se-o-brasil-tivesse-apoiado-hitler-e-virado-um-pais-nazista/>
<http://www.gazetadopovo.com.br/blogs/rodape/hitler-tem-apoio-de-vargas-em-novo-romance-de-miguel-sanches-neto/>
<http://www.intrinseca.com.br/asegundapatria/>
<http://www.intrinseca.com.br/blog/2015/02/biografia-de-um-livro-os-varios-comecos/>
<http://www.intrinseca.com.br/blog/2015/03/biografia-de-um-livro-nao-parar-mais/>
<http://www.intrinseca.com.br/blog/2015/03/biografia-de-um-livro-o-romance-se-sedimenta/>
<http://www.intrinseca.com.br/blog/2015/03/biografia-de-um-livro-sonhando-o-romance/>
<http://www.intrinseca.com.br/blog/2015/03/uma-versao-nazi-do-brasil/>
<http://www.intrinseca.com.br/blog/2015/04/biografia-de-um-livro-romance-esta-escrito/>
<http://www.intrinseca.com.br/blog/2015/04/biografia-de-um-livro-reescrever-o-romance-todo/>
<http://www.intrinseca.com.br/blog/2015/04/gente-real-gente-inventada/>
<http://www.intrinseca.com.br/blog/2015/04/particularidades-do-genero/>
<http://www.intrinseca.com.br/blog/2015/05/biografia-de-um-livro-o-romance-entra-em-cena/>
<http://www.intrinseca.com.br/blog/2015/05/nazificacao-versus-nacionalizacao/>
<https://www.facebook.com/miguelsanchesneto/photos/a.938230389522459.1073741828.934383723240459/954901067855391/?type=1>
<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1573441889599277&set=a.1411219475821520.1073741828.100008004430748&type=1&fref=nf>

Resenha recebida em: 15.05.2015

Resenha aceita em: 30.06.2015